

O SER SUPREMO, REFLETIDO EM SER HUMANO E PESSOA: diálogo da psicofiloteológica, analisando o comportamento do indivíduo na sociedade.

Pedro Félix Chioia¹



Resumo

O presente texto discute as dimensões do ser humano/pessoa, para entendimento do comportamento humano dentro da convivência social. Buscou-se compreender a duplicidade humana de forma vertical (a sua ligação com ente) e horizontal (ligação com o outro), dentro da convivência social, analisando as formas de agir e comportar-se, uns aos outros. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, através de várias referências nas áreas de Psicologia, Filosofia e Teologia. Foi utilizada a técnica de análise interpretativa, na qual o pesquisador tomou uma posição própria a respeito das ideias enunciada e da maneira pela qual foram apresentadas. Ficou patente, que o ser humano, surgiu através da existência de um ser Supremo “Uno”, causador de tudo. Ao longo da existência do ser humano, passa por momento: cultural, social e individual. O ser pessoa só tem validade, quando contribui para o bem do outro. E aquele que constrói bem a própria pessoa realiza em si um primado de perfeição e se torna instrumento de evolução a todos os que a ele relaciona-se. Mas, aquele que persegue o caminho de egoísmo, inveja, malícia, não contribui para o bem de toda a humanidade.

Palavras-chave: Ser; Humano; Pessoa; Sociedade.

Abstract

This text discusses the dimensions of the human being / person, to understand their behavior within social life. We sought to understand human duplicity in a vertical (its connection with the entity) and horizontal (connection with the other), within the social coexistence, analyzing the ways of acting and behaving, each other. Bibliographic research was used, through several references in the areas of Psychology, Philosophy and Theology. The interpretative analysis technique was used, in which the researcher took his own position regarding the enunciated ideas and the way in which they were presented. It became clear that the human being emerged through the existence of a Supreme Being “One”, the cause of everything. Throughout the existence of the human being, it passes through moment: cultural, social and individual. Being a person is only valid when it contributes to the good of others. And he who builds his own person realizes in himself a primacy of perfection and becomes an instrument of evolution for all those who relate to him. But he who pursues the path of selfishness, envy, malice, does not contribute to the good of all humanity.

Keywords: Being; Human; Person; Society.

Introdução

Este artigo apresenta a pesquisa bibliográfica, que analisou a questão do Ser Supremo como causador tudo que existe no universo, até do ser humano e pessoa.

O conceito do Ser foi introduzido por Parmênides de Eleia entre Século VI e V a.C.). Para ele, seria impossível falar ou pensar no Não-Ser, pois o Não-Ser a nada se refere. Para Parmênides, o Ser existe para além das ilusões do mundo sensível.

Além de Parmênides, Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás, entre outros pensadores, tantos os da perspectiva filosófica (ontológica) e

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade San Lorenzo. Professor do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, da Escola Superior Politécnica em Malanje; ainda é Professor do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, nível de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Universidade Jean Piaget de Angola, Campus de Viana/Luanda.

outros da corrente teológica, sustentam as ideias da existência de Um Ser “Uno, Ente, Imóvel, Ser Supremo, Criador, Eu Sou, Deus, Eterno e Imutável”; Um ser, criador e gerador de dois mundos: mundo sensível, visível, real ou terrestre e o outro mundo invisível, inteligível, imaginário, mundo das ideias, mundo perfeito ou o céu.

Tanto na perspectiva filosófica e teológica, a pessoa nasce no mundo fruto da criação do Ser Eterno e causador de tudo. As coisas visíveis são cópias das coisas invisíveis. Existem forças que controla o universo e até o ser humano, se a qual o universo, já entraria na decadência.

Assim, o ser humano ao nascer no mundo, já é lhe dada a vida, com a tarefa de construir-se como pessoa. Na sua essência, o ser humano é mente, e ao mesmo tempo, principio formal inteligente com a capacidade de definir a si próprio. A pessoa se define conforme o ente histórico acontece. O ser humano nasce segundo a natureza, mas pode se construir fora do endereço da natureza.

O ser humano é um ser de caráter bio-psíquico-sócio-espiritual. Um ser dinâmico, relacional, dialogante e complexo. O ser humano/pessoa possui capacidades e habilidades de poder efetivar vínculos interpessoais. Através da educação, o ser humano, adquire conhecimentos teóricos e práticos para estabelecer relações.

Ao longo da sua vivência histórica e dos problemas que o aflige, descobre o seu vazio na dimensão espiritual, soma-se o facto de por natureza da criação é decadente física e psicologicamente, as consequências do pecado herdado dos antepassados.

Na busca da compreensão desse assunto, achou-se fazer a discussão dentro dos dois tipos de conhecimento (filosófico e teológico), de acordo com a sugestão de Rampazzo (2004), quando explica os quatro tipos de conhecimento: empírico, científico, filosófico e teológico.

Dentro dessa amplitude e para ajudar o entendimento do assunto, elegeu-se o conhecimento filosófico, teológico e científico.

1. Existência do Ser no ente filosófico

O conhecimento filosófico é sem dúvida de suma importância para a reflexão dos restantes saberes e seria fundamental para qualquer pesquisador, servindo como fonte de consumo das outras verdades. A Filosofia estuda tudo, procura uma visão de conjunto, de toda a realidade. Ou seja, a análise filosófica, se interessa por muitos problemas, dos quais se podem lembrar os principais: cosmológico, gnosiológico, antropológico, metafísico ou ontológico, ético, político, estético, pedagógicos, linguísticos, entre outros.

A razão da escolha do conhecimento filosófico, para discussão da problemática que se pretende apresentar, justifica-se na perspectiva de Rampazzo (2004), quando explica que “a Filosofia se interessa não por um particular aspecto da realidade, por ter este ou por aquele problema, mas por tudo, por todas as inúmeras questões interessam a reflexão humana, iluminada pela razão, e em busca das causas mais profundas, indo além dos próximos e experimentação” (p. 22).

No conhecimento filosófico, o Ser significa a existência de uma coisa. Tudo o que existe é Ser, conforme Aristóteles citado por Marques (1990), de que “todas as coisas estão cheias de deus”.

De acordo com Dicionário de Ontopsicologia (2001), a ontologia, é o ramo da Filosofia, que estuda o Ser e, na língua grega a ontologia “ontos, ente e logoi”, é a ciência do ser, que também a parte da metafísica que trata da natureza dos entes.

Assim, ontologia trata o Ser enquanto Ser. Nogare (1979), assim como faz referência o Dicionário de Ontopsicologia (2001) que, no estudo do ser enquanto ser, existe três elementos: categorias, princípios e essência; que são as grandes linhas ontológicas, que se apresentam em:

1. **A ontologia do Uno.** É o estudo de todas as coisas ou realidades que procede ao Uno. Em outras palavras, todas as manifestações, se reduz a um Ser Superior da causa única de toda a essência de todas as coisas. Nesta linha de pensamento encontra-se Parmênides, Platão, Plotino, Escoto, Erigena e Spinoza.
2. **Ontologia do Ser.** Aqui o Ser se manifesta em várias maneiras (analogia), cuja maior expressão é a da substância, que corresponde a Deus (Primeiro Motor), sem movimento ou mudança. Deus que não muda, é o mesmo ontem, hoje, e para todo o sempre. Neste pensamento, os representantes são; o Aristóteles e Tomás de Aquino.

3. **Ontologia do Devir (o tempo).** Aqui se procura reintroduzir a dinâmica no Ser, opondo ao não ser, como momento de interioridade de vida e do ser. A Filósofos como Hegel, Heidegger e Nietzsche, afirmam que tudo tem o ponto de vista (mente) e não entidade, o realismo e nominalismo.

2. Existência do Ser no âmago teológico

O saber teológico carrega consigo mesmo uma verdade que os restantes saberes se questionam, sobre a sua validade e eficácia. Pode-se afirmar que a teologia é uma reflexão radical e sistemática, já que a sua certificação é a fé; tudo se admite mediante a fé.

Rampazzo (2004) explica que “a verdade pode ser encontrada tanto pelo caminho da investigação como pelo da revelação; o conhecimento teológico baseia-se exatamente na fé” (p. 23).

A revelação tem um fundamento histórico no judaísmo e cristianismo, em que Deus falou aos homens por intermediários que transmitiram a mensagem divina. Tal como descreve o livro de Génesis 15:1, Moisés inspirado pelo Espírito de Deus afirma que “a palavra do Senhor veio a Abraão numa visão dizendo: não temas Abraão, Eu Sou o teu escudo, o teu galardão, serás grandíssimo”.

Em Êxodo 3:6, Moisés, conta como Deus se havia revelado a ele, ao afirmar que “Eu Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó”; ainda em Êxodo 3:14, Deus respondeu a Moisés quando diz que “Eu Sou o que Sou; vai ao Egito e dirás aos Israelitas. O Eu Sou, me enviou a vocês, para sairmos e iremos a terra prometida”. Em Isaías 44:6, Deus manda o profeta para transmitir a mensagem divina, em que “diz ao rei de Israel e ao povo, o Senhor dos exércitos: Eu Sou o primeiro, e Eu Sou o último e fora de mim não há outro”.

As revelações continuaram aos profetas, a Jesus Cristo, aos Apóstolos até aos cristãos de ontem e de hoje, por meio da fé; neste contexto, o dado de fé na revelação, não pode ser comprovado pela ciência, filosofia, nem tão pouco, pelo conhecimento empírico. Apenas pelo aquele que tem a ligação com Deus o Criador do universo.

João 8:23, Jesus Cristo afirma que “vocês são daqui da terra, Eu Sou de cima; vocês são deste mundo, Eu não sou deste mundo”. Ainda em João 14:6, Jesus Cristo afirma que “Eu Sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao pai; senão por mim”.

De acordo com Gênesis 1:1, foi Deus que criou o céu, e a Bíblia chama, o céu como firmamento, em que está sobre as águas do firmamento. Deus fez a luz e separou a luz da escuridão; A escuridão recebeu o nome de noite e a luz recebeu o nome do dia.

Em Colossenses 1:16, Paulo diz que “pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele”.

A teologia enfatiza com toda clareza a existência de Deus como causador de tudo que existem no universo, tanto coisas invisíveis, visíveis e o próprio ser humano forma criados a imagem e semelhanças de Deus Eterno. Acima dele não existem mais outro; ele é soberano e faz o que lhe apraz.

3. Visão científica na existência de uma causa não causada

Muitas especulações são feitas para entender que existe ou não alguém que deu origem a tudo o que existe, sem ele ter uma origem. Alguns cientistas dão a este algo ou alguém o nome de “Causa não Causada”, ou seja, é a causa de tudo o que existe, porém, não teve uma causa para ele mesmo. E dentro desta definição da ciência reconhece-se que o que a ciência não aceita, porém, é a resposta deste alguém, a quem chamamos de Deus. O Criador de tudo sem ter tido uma origem, ele sempre foi e sempre será.

O que ele sempre foi deve ser entendido como a eternidade passada. É um tempo sem tempo, jamais se sabe a dimensão dele, este tempo não está determinado por fatos que possam através de achados ou estudos determiná-lo; este tempo é antes de tudo o que existe hoje, foi criado por causa não causada; Deus, sempre viveu antes de resolver e criar o Universo. A ciência, não tem uma resposta para este tempo, porém a Bíblia informa sobre esse tempo.

Goerges Lamaitre² citado por Willin (2011) afirma que a criação do Universo, foi quando houve expansão de energia, e uma verdadeira explosão (big bang), vindo a originar a criação de planetas e sistemas solares. Pode se aceitar, que em algum momento dentro da eternidade passada, alguém a quem se chama de Deus, a primeira causa, veio a criar o Universo. O universo existe, não se tem dúvida, que as

² Goerges Henri Edouard Lemaitre, em 1927, publicou um artigo, na qual ficou conhecido como o promotor da teoria do Big Bang, ele chamou de “hipótese de átimo primordial”, ou seja, “ovo cósmico”; onde afirma que o universo estava em movimento. Lemaitre apoiou-se na pesquisa de Vesto Slipher, teoria que mais tarde mereceu o reforço de Edwin Hubble.

leis que regem este universo são reais, o Universo não foi criado com Adão como conta Gênesis capítulo um. Os cientistas colocam a criação do universo a partir de uma grande explosão de energia a partir de um ponto comum, dando assim o pontapé inicial a todo o Universo criado.

Esta teoria, no entanto, não contradiz o que a própria Bíblia relata, não se pode de maneira nenhuma recusar tudo o que foi criado, teve um princípio, e este princípio não poderia ser causado por ele mesmo, havia a necessidade de alguém, fora do espaço e tempo para iniciar o que se chama de causa e efeito. Tempo, por definição, é aquela região em que os eventos de causa e efeito acontecem, na qual cada efeito deve ter a sua causa. Dessa forma, ao passo que eventos no tempo certamente requerem uma causa, uma entidade fora do tempo talvez não necessite dela.

Hannah Arendt citado por Dinamy (2004) diz que:

Alienação do mundo moderno é a consequência de três eventos: a descoberta da América, a Reforma e, sobretudo, a invenção do telescópio, ponto de partida para o nascimento da dúvida quanto ao testemunho dos sentidos e da perda das evidências do conceito de verdade fundada pela percepção, dúvida que Descarte universalizaria ao estendê-la a fé e a razão; a oposição céu-terra, e ciência, desde então universal, substituiu a oposição do homem-universo; a compreensão, a descoberta e a manipulação das leis universais, ao saber e ao pensamento, ao querer dominar o mundo ao invés de compreendê-lo, nos tornamos escravos dos nossos conhecimentos práticos (p. 85).

A lógica demanda do criador seja completamente independente da sua criação. Assim, pode se ver algumas características que a primeira causa, ou o criador deve ter segundo a teoria de Lamaitre (big bang), conhecimento científico, e o esclarecimento de Deus através da Bíblia Sagrada, que são:

- a) A primeira causa deve ser independente do seu efeito. Deve exigir qualquer coisa que dependa dela para existir, algo transcendente; ou seja, além dos limites da sua criação;
- b) A primeira causa deve ser infinitamente poderosa (omnipotente). A primeira causa teria sido apenas independente e infinita; além disso, deve ser mais poderosa do que qualquer coisa no universo, do que a soma de todos os poderes do universo;
- c) A primeira causa deve ser eterna (que transcende o tempo). A ideia que o criador deve existir fora do tempo; nada no universo pode ser anterior ao evento da criação, mas o criador sim, se ele deu início ao processo, conforme a perspectiva Bíblica, não tem começo nem fim;
- d) A primeira causa deve ser espiritual (transcender o espaço). Logicamente somente uma entidade fora do universo poderia tê-lo criado, interagindo com as quatro dimensões do espaço-tempo, mas deve estar além delas, além do universo físico;
- e) A primeira causa deve saber todas as coisas (omnisciente). É razoável supor que o criador de tudo que existe saiba tudo sobre a sua própria criação. Enquanto os seres

humanos apenas começaram a apreciar a complexidade do átomo, DNA, a simetria e harmonia das leis da natureza na história recente. De acordo com Einstein citado por William (2011) quando disse que “a harmonia da lei natural, revela uma inteligência de tamanha superioridade que, comparada a ela, todo o pensamento sistemático e ações dos seres humanos se tornam numa reflexão”;

f) A primeira causa deve ter características personificadas (não pessoa). Teria sido uma figura sem intenções conscientes, por causa do propósito óbvio. Já que a vontade, mostrada em seu maravilhoso designo do universo. Existe um universo com estrelas e vida requer um equilíbrio preciso entre a intensidade das quatro forças fundamentais da natureza, uma razão muito precisa entre a massa do próton e eletro.

3.1. Algumas afirmações de cientistas sobre universo

O Astrónomo, respeitado internacionalmente (e agnóstico declarado) Robert Jastrow, citado por Dinamy (2004) diz que os cientistas foram traumatizados por terem-se empenhado em solucionar um problema que deve permanecer para sempre além deles.

O físico Barry Parker citado por Willin (2011) concorda que “nós com certeza temos uma alternativa; poderíamos dizer que não houve uma criação e que o universo sempre existiu. Mas, isso é ainda mais difícil de aceitar do que a criação”.

Albert Einstein citado por Dinamy (2004) diz que, após verificar os resultados do matemático Alexandre Friedmann refutando a sua teoria de um universo estático, o que foi confirmado de maneira surpreendente pelas descobertas do Telescópio Espacial Hubble sobre a expansão do universo, escreve que “tenho um desejo de saber como Deus criou este mundo; eu não estou interessado nesse ou naquele fenômeno, no espectro desses ou daquele elemento; quero conhecer os seus pensamentos, o resto são detalhes”.

O físico Edward Kolb citado por Dinamy (2004) diz que, o Laboratório Acelerador nacional Fermi, conclui que “o que acontece é que as constantes da natureza, como a intensidade da gravidade, têm exatamente os valores que permitem a formação de estrelas e planetas; parece que o universo é precisamente ajustado para permitir o florescimento da vida e da consciência; a ciência, talvez nunca seja capaz de dizer por que isso deveria ser assim”.

3.2. Indicadores científicos da criação do universo

a) Primeira Lei da Termodinâmica. Esta lei em resumo afirma que matéria e energia não podem ser criadas nem destruídas. Dizer que matéria nova não está sendo criada atualmente, em contradição com a teoria do estado estacionário, é concordar com a Declaração bíblica de Gênesis 2:1-2;

b) Segunda Lei da Termodinâmica. Esta lei em resumo, diz que o universo está se tornando menos ordenado; ele está “envelhecendo”. Segundo esta lei, o universo teve um começo e foi um começo altamente ordenado e não poderia estar dissipando por toda eternidade, ou não teria estrelas brilhando nos dias de hoje.

Existem registros arqueológicos de uma criação, incluindo animais e plantas, antes dos 6000 anos desta Terra que hoje se conhece. Não se pode desprezar que tais achados da ciência não são invenções, porém, tem uma resposta na própria Bíblia para isto tudo, tendo em conta que o que a Bíblia chama de céus e terra, também chamando de Mundo do grego Cosmos, é o sistema social que já existia, que abrange o universo pré-adâmico, ao qual todos os fósseis e vestígios pertencem.

Durante muitos anos, ainda não havia um consenso sobre o real motivo da extinção dos dinossauros. Agora, porém, um grupo de cientistas de vários países finalmente apresentam o desfecho do dilema: um meteorito (asteroide que impacta na superfície terrestre) causou a extinção dos dinossauros e mais da metade das espécies da terra há cerca de muitos milhões de anos, no período cretáceo-terciário.

Willin (2011) diz que estudo de 41 cientistas de instituições de diversos países e fez a revisão de pesquisas conduzidas nos últimos 20 anos de modo a tentar determinar a causa da extinção. Estima-se que o meteorito teria cerca de 15 quilômetros de diâmetro e que o seu impacto foi 1 bilhão de vezes mais poderoso do que o da bomba atômica lançada em Hiroshima durante a Segunda Guerra Mundial.

Segundo os autores do estudo, o impacto lançou gigantesca quantidade de material em alta velocidade na atmosfera, dando origem a uma cadeia de eventos que levou todo o planeta a condições de inverno. O fenômeno foi tão catastrófico que a maior parte da vida extinta teria sumido em questão de dias.

No entanto, estudos revelam que o asteroide foi à causa da extinção do Cretáceo-Terciário. O impacto provocou incêndios de grande escala, terremotos com mais de 10 pontos na escala Richter e deslizamentos de dimensões continentais, que, por sua vez, causaram *tsunamis*, disse Joanna Morgan, do Imperial College London, um dos autores da pesquisa.

4. O Ser transformou-se em ser humano

Apegando-se no conhecimento teológico, no livro de Gênesis 1:26; 2:7, pode-se verificar que no sexto dia Deus, criou o ser humano do pó da terra, quando lhe soprou nas narinas o fôlego da vida e tornou alma vivente. O ser humano foi feito a imagem e semelhança de Deus, dotado de certas capacidades como de cuidar, multiplicar e dominar todas as coisas que Deus havia criado nos céus e na terra.

De acordo com Vidor (2010), afirma que "o ser humano ao longo da sua história de existência passa por três momentos: momento cultural, momento social e momento individual; o indivíduo pode tornar-se mais fruto da influência da cultural e social do que resultado da sua identidade pessoal" (p.147).

Para o autor, a cultura, pode ser entendida o modo de viver do homem, ou mais especificamente, a cultura é conjunto dos modos ou modelos que o homem programou para dar uma resposta aos problemas e aos interesses de sua existência. Nesse programa concorrem à ciência, a moral, a fé, as tradições e a arte.

A esfera cultural, no entender de Vidor (2010), reveste o ser humano psicologicamente e pré-orienta a interioridade da pessoa. Cada pessoa assimila costumes, modelos de relacionamentos, crenças transmitidas, instruções dadas, educação recebida e leis que são impostas.

Para Vidor (2010) diz que:

Quando o ser humano fica conformado com a cultura, passa a resolver os problemas à luz dos modelos do passado. Isto pode levar a uma acomodação pessoal. A falta de empenho em investir em novidades de solução, esquematiza e fixadas na cultura assimilada. À medida que lembra o passado, se transforma no passivo integrado, sacrificando os anseios de crescimento em defesa rígida de manutenção da cultura oficializada, procedendo como um filho conservador que necessita proteger a velha mãe a quem cada um se ligou quando indefeso (p. 168).

Ainda Vidor (1968) sustenta que o modelo de comportamento do conservador facilmente entra em conflito com o inquieto e nervoso, porque este, sendo dotado de maior sensibilidade, adverte que o contato cultural, com os seus modelos fixos, é insuficiente para viver bem e, em muitos casos, os modelos sufocam a aspiração de autenticidade. O nervosismo, não suporta a imposição dos modelos quantos estes cerceiam a sua liberdade. Quando não vê a solução, facilmente lidera movimentos de revolta generalizada ou se associa a ideologias radicais de oposição a cultura e a ordem social.

Hoje o homem é orientado a consumir e não a crescer como pessoa autêntica. O filósofo grego Diógenes ousou dizer que “os homens vivem mal por causa da própria estupidez”.

5. O Ser transformou-se em ser pessoa

Como pessoa, cada um de nós é único, é distinto e não repetível; porque cada pessoa é dotada de uma identidade peculiar. De fato, natureza e pessoa sempre acontecem juntas e se mantêm inseparáveis.

Segundo Nogare (1979) explica que:

Quando a nossa natureza se relaciona, ela varia e informa, se nossa consciência tem acesso a essa informação, a pessoa se constrói conforme a si mesma, conforme a própria identidade. Se cada um de nós pretende fazer-se pessoa autêntica ou verdadeira, não se pode perder o contato com própria unidade de ação da forma humana, porque é a unidade de ação que dá origem a unidade de medida da verdade (p. 85).

Ainda Nogare (1979), humano se nasce, mas pessoa se constrói em base à capacidade de inteligência que é própria da natureza, mas é especificada em cada pessoa. A pessoa se diferencia psicologicamente, uma da outra, pelo quântico de inteligência própria. A pessoa significa existir de modo próprio, por si, e diverso de todo o resto. A alma ou a mente, embora seja o constituinte básico do ser humano, não torna o sujeito pessoa sem a individuação.

Para Vidor (2010), a pessoa é constituída de intelecto e orgânico, de corpo e alma, desse conjunto unitário e indivisível. É a existência, é a matéria que efetua a divisão e faz a multiplicidade dentro da natureza, porém a alma e o corpo fazem um princípio único de ação histórica. O ser sendo princípio universal, quando acontece no mundo se torna fenômeno, se faz existente, se faz histórico.

Assim, como o indivíduo nasce situado num ambiente, ele é sujeito responsável tanto da lei social como pela sua vida pessoal; essa responsabilidade o compromete a agir tanto em conformidade com a lei quanto em conformidade com as suas necessidades vitais. Ele é necessitado a responder tanto pelas normas jurídicas quanto pela própria existência. Sabendo se resolver diante dessas exigências ambivalentes, ele terá como resultado a saúde o próprio crescimento.

Vidor (2010), afirma que “o ser vivo, animal irracional não é pessoa; porque lhe falta inteligência que permite o uso da liberdade; porque a liberdade é uma possibilidade indefinida, o animal se sente já definido em seu modo de agir” (p. 154).

A pessoa necessita desenvolver a própria inteligência, e para isso, precisa aprender como se mover diante da dupla moral, mediante a qual o sujeito respeita as leis sem ofender a dignidade do valor pessoal.

O processo de formação da pessoa autêntica surge através de uma relação antropocêntrica. A pessoa precisa tomar consciência do que o núcleo da vida humana informa ao variar e deve ler em si mesmo a ação do real que constitui essa pessoa. É no interior de cada pessoa onde nasce à nova relação como informação do saber humano. Assim, o ser humano torna uma pessoa à medida que íntegra em si próprio a novidade de cada relação, e essa novidade se faz crescer em saber ser, mediante a projeção antropocêntrica.

Vidor (2010) diz que é no íntimo de ser humano onde se manifesta um apelo à própria realização, esse apelo não se reduz a um estado fixo, e quando é resolvido o indivíduo passa a responder a cada nova situação, de forma gradual, mantendo-se diplomacia diante de tudo o que é exigido socialmente, sem lesar o valor pessoal.

Segundo Nogueira (1979) explica que o ser pessoa não evolui simplesmente como pessoa se limitar-se a instrução da ideologia social. Ela deve despertar-se para a necessidade de responder a construção do valor pessoal. Essa tarefa é indispensável e é preciso aprender o jogo externo do convívio social e nele descobrir as regras de vantagens, porque estas se tornam instrumentos que atuam para o próprio crescimento.

No entanto, a cultura que já anda formalizada na pessoa, não pode ser vista como único modo de ocupar a mente como se fosse um valor absoluto, inquestionável, porém deve servir como instrumento de valor para o crescimento individual.

Na verdade, existe diferença na forma de discernimento mente assim da capacidade crítica para saber como se posicionar e responder aos apelos externos, que a pessoa receber. Porque a mídia e o social fornece a pessoa informações das quais se não existir a capacidade de reflexão aí a pessoa torna uma máquina repetitiva dos desejos impostos pela sociedade.

Conforme explica Tiago 1:19 de que “toda a pessoa seja rápido em ouvir, tardio para falar e tardio para se irar”. A pessoa deve acolher todas as solicitações e depois ter autonomia em escolher aquilo que lhe seja útil e funcional a própria pessoa, que o leva ao desenvolvimento em prol da própria realização.

Uma pessoa precisa adquirir uma consciência madura das próprias necessidades, e uma vez atendida às necessidades biológicas, o indivíduo deve ir além da delimitação de seu ambiente e da história para se sentir disponível a

radicalidade do ser. Porque muitas vezes o egoísmo da natureza evidencia o valor da própria identidade e torna o indivíduo fator de progresso. Mas, quando a pessoa não deixa de ter egoísmo vital, pessoa-esquema, pessoa em série, em que uma desconfia da outra pessoa, torna-se um encontro da realização humana com as transformações sem frustração. Conforme conta 1. Pedro 2:1 “cada pessoa deve deixar toda maldade, todo engano, e fingimento, e inveja, e toda a maledicência”.

Vidor (2010) diz que “a pessoa autêntica é voltada ao progresso e ao aperfeiçoamento. Ele aprende a discutir as estruturas em função de proteger e alimentar os valores humanos, impendo que as estruturas prevaleçam sobre o homem” (p.165). Autenticidade é o ponto que funda o significado do próprio existir diante de qualquer contexto.

Para se alcançar esse objetivo, a educação deve ser, antes de tudo, um serviço ao valor da pessoa, não pode ser dada como imposição, mas como vantagens de modo a que a pessoa adquira condições de vencer na vida. Fazendo, não quer dizer que se anula o valor da pessoa para uniformizar a forma de pensar, mas deve tornar-se um meio de evoluir na compreensão para descobrir o modo de se construir e de se situar no ambiente social.

De acordo com Vidor (2010) a intencionalidade da natureza tem como meta a auto-realização e a afirmação como pessoa; ser pessoa é um destino metafísico. Por natureza, nós não somos destinados nem a ser pai, nem a ser mãe; estes fatores são opcionais, mas ser pessoa é uma exigência da natureza.

Neste sentido, não vale apenas atacar o sistema social, mas torna-se indispensável aprendê-lo, porque no momento de assumir o poder, quem o compreende, saberá como aperfeiçoá-lo. Como enfatiza.

6. O ser humano e o ser pessoa na sociedade

Como foi discutido nos dois itens acima, o ser humano/pessoa, constitui o único ser, projeto único e exclusivo do Uno, Ente, Ser Supremo e ao Devir; caso se valorize o conhecimento ontológico em termos filosófico. Ao passo que, o entendimento da teologia, o ser humano ou pessoa, é o resultado de Deus, quando o criador, expressou que fariam o homem segundo a imagem e semelhança do Altíssimo, dotado de capacidades físicas e psicológicas, que pudesse responder as exigências do EU SOU, mas com a natureza específica de ser natural e terrestre, com um pequeno grau de superioridade em relação aos outros seres vivos que já tinham sido criados.

Em Gênesis 1:28, Deus abençoa o ser humano/pessoa, dando-lhe responsabilidades de multiplicar e encher a terra; assim como, o poder de dominar os animais que já haviam na terra.

Hannah Arendt citado por Dinamy (2004) afirma que “o ser humano, no processo da sua emancipação, partilha o destino do resto do mundo: a dominação da natureza implica dominação do homem” (p. 85).

Se atender-se a visão teologia, já que está a ser útil na reflexão dessa temática, e de antemão foi explicada que seria necessário tal tipo de saber, verifica-se que logo no início d Bíblia em Genesis 4, o ser humano/pessoa, cresceu de forma quantitativa e qualitativamente, constituindo a sociedade com interesses, gostos, necessidades e ambições quase iguais, mesmo com o problema da desobediência já existente.

Assim, a sociedade foi constituída num conjunto de pessoas que partilham propósitos semi-iguais, gestos, preocupações e costumes, e a interação entre si, constituindo uma comunidade. A sociedade tem a finalidade da criação do grupo de indivíduos que formam um sistema semiaberto, na qual a maior parte das interações é feita com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo.

Vidor (2010) diz que:

Se construirmos o bem a própria pessoa, a sociedade tenderá a melhorar. O problema é como viabilizar uma reciprocidade de valor funcional entre pessoa e a sociedade. Trata-se de encontrar o equilíbrio no interior da pessoa para saber como conviver com a sociedade, independentemente de como ela, e de que modo à pessoa poderá contribuir para melhorar a sociedade. A sociedade é feita de indivíduos e a pessoa não pode existir sem a sociedade (p.161).

Importa apontar a maturidade de cada pessoa, que a leva a ver, se alguma coisa está certa ou não; pois é inútil apresentar o mecanismo da culpabilização aos outros. Culpar os outros sempre corresponderia ao processo de examinar-se da responsabilidade de ajudar a resolver a situação. Tudo o que acontece no externo surge da nossa interiorização e todos, somos agentes desse interior. Sempre que a pessoa se oferece a criticar os outros, ela permanece cega e incapaz de descobrir a origem da alienação histórica que faz sofrer.

Vidor (2010) afirma que “quando o indivíduo recorre a uma adaptação fictícia aos modelos sociais, ele terá ocasião de aprender tudo e, com isso, progredir, fazendo-se continuamente” (p.162). A sociedade supervaloriza a caridade, não percebe que, ao repetir a generosidade sem responsabilizar o dependente capaz, ela colabora de certo modo para anular o crescimento pessoal de adultos que repetem sempre os mesmos erros contra si mesmos.

A sociedade em muitos casos, exerce e motiva a opinião de algumas pessoas que tem o poder delegado da massa popular, mas de nada adianta criticar estes ou aqueles, isto daria o mesmo que uma pessoa deseja derrotar um determinado exército poderoso. É preciso fazer cálculos de modo inteligente para se evitarem os erros daquilo que é oferecido pela sociedade.

A Bíblia em I de Coríntios 6:12, Paulo, diz que “todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convém; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”.

Nota-se que a sociedade de hoje dedica mais a tendências de consumistas, na qual as pessoas valorizam mais os bens, que não encaminha o ser para um verdadeiro crescimento de forma integral. As pessoas são estimuladas para servir os criadores de bens; as pessoas são instrumentalizadas aos objetos tais como: telefones de ultimo geração, um carro de ultima fabricação, uma roupa de estilos um pouco desajustadas ao meio de vivência. Perde-se a dignidade da pessoa autónoma, condicionada ao dever de sacrificar a si mesmo para acompanhar o ritmo do consumo.

Desta forma, se salva aquele que tomar a consciência da manipulação dos criadores e, emergindo num caminho um pouco solidário das políticas que invoca para o consumo da massa popular. Aqueles que não crescerem psicologicamente tende a ter gastos excessivos, muitas vezes para comprar futilidade e a seguir angustias sem entender o por que. Olhando com cautela, parece que a sociedade se move em direção à inversão dos valores em que o ser e a dignidade da pessoa devem sofrer e se conformar em função do ter, sem qualquer critério para bem-viver.

Considerações finais

Tanto, o conhecimento filosófico, quanto ao teológico, reconhecem a existência de um ser Supremo “Uno”, causador de tudo, que também é o Criador de todas as coisas que existem no universo, ou seja, o Deus eterno, existiu, existe e existirá para sempre.

O ser humana/pessoa no processo da sua adaptação aos modelos sociais, na qual tem espaço, e que possa tornar-se fenomenologia do espírito, não deve prevalecer à força massiva da lei. Porque o espírito sempre se manifesta através de critérios e princípios do interior de antropologia funcional, que são elementos que ajudam para fazer-se um ser pessoa.

Assim, situação do poder social sobre o indivíduo só é possível romper, progressivamente, a partir do íntimo de cada um, a partir de uma evolução de consciência, através da qual o ser humano e pessoa, busca conhecer a si mesmo, descobrindo o seu próprio valor ao distinguir o que lhe faz crescer, aprender a usar a multiplicidade de estereótipos sociais em benefícios da própria pessoa. O uso da própria inteligência torna-se o único meio de se qualificar e construir a própria identidade pessoal.

No convívio social, em geral, há necessidade de adotar muitos esquemas, mas o importante é despertar para receber que tornamos apenas conformistas e não construímos o valor irrepetível de nossa pessoa. É necessário zelar para que a adaptação não se transforme em convicção de valor único e intocável. É a conformação aos modelos fixos que impedem ou anulam a possibilidade de salvar a autenticidade da própria pessoa. Assim cada pessoa é chamada a ser pessoa autêntica e verdadeira, mas a situação atual não nos incentiva e nem nos dá espaço para que isso aconteça.

Referências

Almeida, J. F. (2010). **A Bíblia de estudo anotada expandida**. São Paulo: Mundo cristão e Sociedade Bíblica do Brasil.

Almeida, J. F. (2012). **A Bíblia do pregador**. Curitiba: Esperança e Sociedade Bíblica do Brasil.

Marques, M.P. (1990). **O caminho poético de Parmênides**. São Paulo: Loyola.

Denamy, S. C. (2004). **O cuidado com o mundo: dialogo entre Hannah Arendt e alguns de seus contemporâneos**. Belo Horizonte: UFMG.

Dicionário de Ontopsicologia. (2001). São Paulo: Loyola.

Nogare, P. (1079). **Humanismo e anti-humanismo**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.

Sousa, C. W. (1968). **A Filosofia e a crise do homem**. São Paulo: RT.

Vidor, A. (1968). **Bases da ciência Psicológica**. Santa Maria: UFSM, CPGE.

Vidor, A. (2010). **Filosofia elementar**. Curitiba: IESD/Brasil, SA.

Rampazzo, L. (2002). **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola.

Willin, N. G. (2011). **De onde viemos e quem somos?** Belo Horizonte: CEVN.